

ARQUITECTURA

JOSÉ MANUEL FERNANDES

Igrejas da Estremadura

NÃO há tema mais «difícil» para a arquitectura moderna do que o da Igreja cristã. Fazer para esta edifícios com expressão moderna coloca sempre um problema que nunca foi até agora cabalmente resolvido: como actualizar, como tornar do nosso tempo a simbólica do cristianismo? E pode modernizar-se essa simbólica com base na linguagem de carácter essencialmente laico, industrial, modulado, que as técnicas e materiais modernos evocam? Perret deu uma resposta estruturalista-Art déco (com a igreja de Raincy, 1923); Frank Lloyd Wright ensaiou poéticas de depuração geométrica (nos templos unitários americanos); Le Corbusier criou uma notável forma plástica e «livre» (com Ronchamp, 1954).

Mas a verdade é que, embora constituindo obras-primas, estas igrejas são tentativas isoladas, são respostas individualizadas e contraditórias, de diversos autores, a tentar substituir a poderosa tipologia tradicional e muito enraizada, de tipo basilical, catedralício, do templo cristão — que vem desde há quase dois mil anos. E sem conseguir criar outro sistema de formas que seja alternativa. Quando começou esta «necessidade frustrada» de ruptura com os modelos tradicionais?

Poderíamos agrupar a fase contemporânea da arquitectura de igrejas, tomando o caso português, em três ou quatro fases bem caracterizadas. Uma primeira época, desde 1834 até 100 anos depois, ou seja, a fase que se segue após a extinção das ordens religiosas — e o fim do «antigo regime» na Igreja — com recorrência a modelos românticos, revivalistas, de templos.

Depois de 1934, a Igreja de Fátima em Lisboa (pelo arq. Pardal Monteiro) assinala a tentativa de modernizar a linguagem arquitectónica religiosa com uso do betão armado — e, ao mesmo tempo, o espoletar de uma reacção

conservadora e tradicionalista, que levou avante a sua perspectiva até pelo menos 1953 —, produzindo-se então uma série de edifícios tristemente antimodernos, desgraciosos, fora do seu tempo (um exemplo gritante é o da Igreja do Santo Condestável, em Campo de Ourique).

Com a exposição da arquitectura religiosa moderna, de inspiração centro-europeia, em 1953 — coincidindo aliás com a edificação de Ronchamp e a entrada em cena do MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa) —, inicia-se um surto de pesquisa moderna na arquitectura religiosa, motivado sequencialmente pelas novas atitudes litúrgicas propagadas pelo Concílio Vaticano II. Os seus frutos são inúmeros, mas podemos destacar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, de 1962-71). Moderna, com preocupação de abertura à cidade e à comunidade local, foi um marco inspirador para muitas outras.

Depois desta fase podemos considerar o tempo actual: ao longo das décadas de 70, 80 e 90, uma arquitectura de novas igrejas foi aceitando gradual diversificação de linguagens arquitectónicas e espaciais, com obras recentes traduzindo desde os formalismos mais extremos ao mais abstracto geometrismo.

É sobre esta fase que a exposição «25 Anos de Novas Igrejas», levada a cabo pelo Patriarcado de Lisboa e patente no Mosteiro de São Vicente de Fora até 15 de Janeiro, se debruça.

Mostra singela, não se limita apenas à arquitectura das novas igrejas mas também apresenta muito «design», obras de arte e peças de vestuário, que acompanham e integram os templos estremelhos (a região da tradicional Estremadura é a área de jurisdição do Patriarcado de Lisboa). A perspectiva é

a de exhibir arte, mas também a de considerar os aspectos do culto e a possibilidade da sua renovação material.

Na análise das obras de arquitectura estão bem patentes os caminhos contraditórios, divergentes e até opostos que a mais recente arquitectura exprime — nem sempre com a qualidade desejável. Mesmo assim, podem destacar-se entre várias: a Igreja de N.S. da Conceição, por Pedro Vieira de Almeida, em Olivais Sul (de 1988), interessante proposta de «igreja-cidade», entendida como centro cívico, de desenho austero e «seco», em betão aparente; e a oposta Igreja do Cristo Rei, na Portela de Sacavém, por Luís Cunha (de 1992), grandiosa e festiva, neo-barroca e pós-moderna, colorida no seu tijolo vermelho e ocre, nos seus arcos redondos, no seu interior expressionista e rotundo. Dois exemplos quase opostos, na linguagem, na atitude espiritual e estética. É ainda a Igreja de São Jorge de Arroios, por Alzina de Menezes e Erich Corsépius, de 1972 — das primeiras a ensaiar uma nova modernidade, de novo com expressão monumentalista, e eficaz inserção urbana. Depois, há as pequenas intervenções nas povoações dos arredores e há as novas igrejas «suburbanas» — com resultados quase sempre difíceis, no quadro da paisagem rural e periférica existente.

Fica desta mostra um folheto expositivo bem documentado (não há catálogo), uma interessante série de postais («Igrejas de Lisboa») e o prazer de visitar o esplêndido e luminoso mosteiro de São Vicente, que leva obras importantes desde há anos (pela DGEMN, nos claustros e envolvente, e agora, só na igreja, pelo IPPAAR) — mas também o alarme, perante a degradação das pinturas do portentoso tecto barroco da área de entrada, em quase total decadência por infiltrações e humidades! ■



LUIS FILIPE CATARINO

A Igreja de Fátima, Lisboa, marca o início de uma modernização da linguagem arquitectónica religiosa em Portugal. Sobre este e outros edifícios fala a mostra patente até 15 de Janeiro no Mosteiro de São Vicente de Fora